

CINEMA

21 AGO 1985

07 AGO 1985

GAZETA MERCANTIL

Presidente é personagem

por José Antônio Severo
de Brasília

O presidente José Sarney assistiu ontem à noite a uma reprise de gala, no cine Brasília, na condição de astro da película, assinada por Gláuber Rocha, o grande mestre do Cinema Novo e o diretor brasileiro mais conhecido internacionalmente. Encerrando a "Mostra Gláuber", uma exposição itinerante organizada pelo Banco Nacional e que, desde fevereiro, já percorreu as principais capitais dos estados, foi exibido o documentário Maranhão filmado em 1965 durante a campanha política de José Sarney, então candidato da UDN ao governo do Maranhão.

A "Mostra Gláuber", que recuperou toda a obra do cineasta, inclusive filmes inéditos no Brasil, repatriados da Europa, é parte de um projeto do Banco Nacional chamado de Marketing Cultural, uma operação que não visa a retorno financeiro direto, mas uma atividade já tradicional da casa bancária mineira: "O Banco Nacional sempre esteve ligado às manifestações culturais em nosso país, sobretudo as artísticas, apoiando e patrocinando a produção cinematográfica", disse a este jornal a diretora de comunicação do Banco, Ana Lúcia Magalhães Pinto, 37 anos, a única das seis filhas do presidente do Banco, deputado Magalhães Pinto, que trabalha, junto com os três irmãos homens, no banco do pai.

Desde 1960 que o Banco Nacional financia ou apóia cineastas nacionais. "O Nacional é um grande conhecedor da área", diz o assessor de imprensa do Banco, Gilberto Pauletti. "Como diz o cineasta Luís Carlos Barreto, o Nacional foi a Embrafilme dos anos 60", completa.

Há vinte e cinco anos que o Nacional financia cinema. Foi dali que saíram os recursos para produções célebres da filmografia nacional, como Deus e o Diabo na Terra do Sol e Terra em Transe, de Gláuber Rocha; Assalto ao Trem Pagador, de Roberto Faria; Vidas Secas, de Nelson Pereira dos Santos; Macunaíma, Garrincha Alegria do Povo e o Padre e a Moça, de Joaquim Pedro de Andrade. E para produções recentes, já no período Embrafilme, como Memórias do Cárcere, Nunca Fomos Tão Felizes (prêmio de Gramado, 1984), O Rei do Rio (de Fábio Barreto, recém-premiado, Cidade do Rio) e outras produções ainda em fase final de acabamento, como Eu Sei Que Vou Te Amar, de Arnaldo Jabor; Sonho Sem Fim, de Lauro Escorel; e Vou à Luta, de Luís Farias.

A "Mostra Gláuber", em Brasília, foi inaugurada pelo presidente da República ontem, no mesmo cine Brasília em que será exibido o antológico Maranhão. Ali, além de todos os filmes conhecidos do cineasta, seus livros e vídeos, estarão algumas produções inéditas no Brasil, como os 160

minutos de sua História do Brasil e Claro, além do pioneiro Pátio filmado na Bahia com interpretação de Luís Carlos Maciel. Só não faz parte da mostra o curta premiado em Cannes, Di Cavalcanti, embargado pela família do pintor.

Além das mostras de cinema (o Nacional fez, em 1984, uma mostra do cineasta Humberto Mauro), o Banco Nacional vem patrocinando concertos musicais, os painéis de rua (já existentes em São Paulo, Rio e Belo Horizonte) e, atualmente, uma mostra de pintura no parque Lage, no Rio, com desenhos livres, charges e uma insólita mostra do desenhista pornográfico dos anos 50, Carlos Zéfiro, adequadamente montada no banheiro da escola de artes que funciona na antiga residência da soprano Besançon Lage, no bairro do Jardim Botânico.

Em São Paulo, na sede local do banco (esquina da Paulista com Augusta), o banco está em via de inaugurar espaço cultural. O investimento em arte, segundo Gilberto Pauletti, ao

contrário do que se pensa no mercado, não é uma carteira deficitária para o banco: "Nunca levamos calote de um diretor de cinema".